

COMEMOREMOS 05 DE OUTUBRO

O 5 de Outubro, data querida do nosso Povo, deve ser comemorado. Devemos ir TODOS à romagem e à manifestação gritar o nosso amor à Liberdade, à Democracia e à República, e exigir o fim da guerra em Angola.

DIVULGUEMOS E AUXILIEMOS «O Têxtil»

Há 7 anos que «O Têxtil» vem defendendo consecutivamente os interesses e as aspirações de todos aqueles que labutam na Indústria Têxtil. São 7 anos de luta abnegada e firme para esclarecer, organizar e unir a classe a mobilizar na conquista de melhores salários, melhores condições de trabalho, melhoria de vida, enfim!

Durante todo esse tempo «O Têxtil» trançou a confiança e o apoio da classe. Não poderia deixar de ser assim. E que nas suas colunas a classe vê expressas as suas lutas, peticionárias ou grandes; os seus sofrimentos, causados pela desenfreada exploração patronal, na ansia de obter maiores lucros; os seus desejos e aspirações mais sentidas. Toda a vida de trabalho da classe encontra a sua expressão n.º «O Têxtil».

Hoje, «O Têxtil» pode e deve melhorar mais, mas para o conseguir, ele precisa da ajuda de todos nós. Todos os trabalhadores e trabalhadoras têxteis devem ajudar e divulgar o seu jornal.

Temos de aumentar o número das suas rubricas, mas sempre a favor da classe.

Temos de divulgar a entre toda a classe. Não deve haver fábrica alguma onde «O Têxtil» não chegue.

Temos de criar grupos de leitores e leitores de «O Têxtil» que o auxiliem financeiramente.

Só assim ele poderá servir completa e eficientemente a classe, pois só assim ele conhecerá profundamente todas as necessidades e aspirações que a classe acalenta.

**ALARGUEMOS A INFLUÊNCIA DE «O TÊXTEL»!
AUXILIEMOS FINANCEIRAMENTE «O TÊXTEL»!**

TEXTIL

ÓRGÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTIL

TÊXTEIS DO PORTO

Há que continuar a luta sindical

Há mais de seis meses que foram realizadas as eleições no Sindicato Têxtil do Porto, nas quais a classe foi impedida de colocar uma Direcção da sua escolha e confiança à frente do seu Sindicato.

Durante todo este espaço de tempo a classe manifestou por várias formas (recolha de assinaturas, idas ao INT, etc.) o seu descontentamento, e exigiu que fossem anuladas as eleições e marcadas novas eleições que permitissem à classe concorrer a elas com uma lista de Unidade da sua escolha.

Em resultado de todas essas acções alguma coisa se conseguiu, particularmente o facto da Direcção, proposta pela antiga direcção, e «eleita» ilegalmente, ainda não ter sido sancionada. Isto é já uma vitória da classe. E já o reconhecimento oficial de que as eleições realizadas não foram correctas e que a Direcção «eleita» não o foi legalmente.

No entanto, a exigência máxima da classe (anulação das eleições e realização de novas eleições) ainda não foi alcançada.

Isto ainda não foi conseguido porque, apesar de todas as acções levadas a efeito pela classe não se conseguiu ainda mobilizar TODA A CLASSE para esta luta, não se conseguiu ainda UNIR TODA A CLASSE em torno desta justa reivindicação. Assim, urge que se alargue a luta em volta do problema sindical,

divulgando e ampliando entre a classe a sua importância, mobilizando-a com vista a fazer largas concentrações no Sindicato nas quais sejam exigidas novas eleições a par de outras reivindicações (como a anulação dos 25%, novos salários, etc.).

Devem ser formadas comissões de trabalhadores e trabalhadoras EM TODAS AS FÁBRICAS que encabeçam e dirigem a luta sindical; que esclareçam e mobilizem os seus companheiros de trabalho e que, entrando em contacto com os companheiros e companheiras das fábricas da sua zona, unam a classe na sua reivindicação comum.

COMPANHEIROS E COMPANHEIRAS TÊXTEIS!

Há que promover novas e mais grandiosas concentrações no Sindicato!

Há que exigir a anulação das eleições e marcação de novas eleições!

Há que começar desde já a dar passos para a formação da lista de Unidade que ha-de concorrer à eleição sindical, tendo em conta que essa lista seja formada pelos nossos companheiros e companheiras mais firmes, sérios e de prestígio entre a classe, não nos importando as suas opiniões políticas ou regionais.

Confronte os companheiros para novas e mais fortes acções sindicais! Não esqueçamos com a Direcção do Sindicato a constância e firmeza do Sindicato!

VIVA O 5 DE OUTUBRO!

HÁ QUE LUTAR CONTRA A EXPLORAÇÃO NAS EMPRESAS

Publicamos a seguir várias informações que nos chegam dos vários centros têxteis, e que nos mostram como a classe se encontra submetida a exploração, vexames e humilhações de toda a espécie por parte dos patrões e seus lacaios. Favorecidos por um regime que lhes permite tudo, eles julgam que a nossa paciência não se esgota. Temos de mostrar-lhes que somos seres humanos e não máquinas, e que conhecemos os nossos direitos.

Temos de dizer BASTA a tanta exploração. Mas para o fazermos precisamos de nos unir e organizar, pois isolados nada podemos fazer. Mas unidos e organizados seremos invencíveis.

MORDEX-RIO TINTO

Nesta empresa a limpeza é feita pelas operárias depois da hora de largar, onde gastam mais de 20 minutos nela.

Para se servirem das retretes têm que o fazer às escondidas.

O andamento do trabalho é num ritmo infernal e o tirano do patrão diz para as operárias; ou ficais corcundas ou ides para o sanatório!

FONCAR

Há dias, dois operários do armazém de matérias primas depois de entregar determinada quantidade de fio a outros operários, ficaram à espera que os mesmos ali voltassem logo a seguir buscar outra remessa. Como por acaso o mestre geral—o Constantino—ali entrasse na ocasião e os visse parados à espera que os outros chegassem multou-os em 10\$00 cada um.

Note-se que estes operários—um pelo menos é chefe de família e ganham apenas cerca de 26\$00—naquele dia só ganharam 10\$00

FIACÃO E TECIDOS J. COSTA.

As operárias desta fábrica, pensam que o patrão está doído. Quando vai à tecelagem, rebela tudo e arranja sempre um pretexto para ralhár com elas. Não se contentando com isto, chega junto delas e dá-lhes abagaões, bate-lhes nos braços e faz uma berraria ensurdecadora.

Há dias, foi junto de uma operária que tinha vindo há pouco do Hospital e que tinha sido operada ao apêndice, bateu-lhe e abanou-a. Esta que trazia uma tesoura no bolso feriu-se precisamente na costura que ainda estava fresca da operação. A operária, nesse dia nem se podia curvar e passou a tarde toda a chorar.

COVILHA

—Na empresa «Francisco Ribeiro

Aibeu», vai sendo tradição as mulheres trabalharem das 8 da manhã até às 21 horas sem que lhes seja paga a respectiva percentagem. Além disso, são ameaçadas de despedimento no caso de a exigirem.

—«Na Pimentel & Pimentel» os operários são obrigados, durante a «estação», a trabalharem até às 19 horas, mesmo que não haja autorização do I.T.N. para o fazer.

Recentemente, um operário ao receber o salário, verificou que em vez de 45\$00 de horas extraordinárias a que tinha direito, recebeu somente 30\$00. Tendo ido em seguida ao escritório exigir o que lhe faltava, foi ali agredido à botetada pelo patrão.—Tomás (o «Gordo»).

—Na firma «José Henriques da Fonseca», um operário foi ofendido pelo afinador Correia, rafeiro do patrão, sem que este tivesse qualquer justificação para o acto.

O operário foi imediatamente ao escritório esclarecer o assunto com o patrão. No entanto, o tal Correia, mesmo ali perante o patrão e empregados voltou a ofendê-lo.

—Na fábrica «Luís de Carvalho» registou-se uma deficiência de fabrico provocada pelo filho do patrão, António de Carvalho.

Um operário tecelão que procurava ajudar a resolver a tal deficiência deu a sua opinião de como a mesma deveria ser solucionada. Mas o António de Carvalho desesperado por vê-la mais difícil de solucionar do que pensava, não só não quis ouvir a opinião do operário, como ainda o agrediu brutalmente, pondo-o em seguida na rua aos encontrões.

—Na firma «Francisco Rodrigues Moço», a gerência resolveu, por haver muito trabalho, dar apenas uma semana de férias aos operários (em vez das 2 como manda a lei) e obrigou os operários a trabalharem a outra semana.

Mas o mais revoltante é que essa semana foi paga com salário inferior ao normal, pelo facto, dizem eles, que essa semana por ser de férias, já estar paga.

GOUVEIA

—Na firma «Belino & Belino» os operários que trabalham nos turnos da noite são obrigados à jornada de 8 horas completas, pelo que não têm os 30 minutos para o jantar, como estipula a lei. Assim, são forçados a jantar junto das máquinas com que trabalham, e enquanto trabalham.

TURTESENDO

—Na empresa «António Vitória» uma operária que ali trabalha há 4 anos ainda não tem a sua situação legalizada. Assim, como a operária quizesse gozar as férias, a gerência dispensou-a do trabalho deixando-a ir para casa, mas não lhe pagando os 15 dias de férias. Disseram-lhe que caso precisassem dela nesse espaço de tempo a mandariam chamar, o que acabaram por fazer. A operária, no entanto, recusou-se a ir trabalhar e a gerência despediu-a por esse facto.

(continuação da última pag.)

trabalho.

O povo português vencerá a sua guerra, tal como a vencerá também o povo angolano, tal como a venceu o povo argelino, tal como a têm vencido tantos povos de todos os cantos do mundo. O povo é a grande força e a sua maior arma é a organização. Povo organizado que luta é invencível. Provam-no as pequenas lutas de todos os dias, que são por vezes aparentemente insignificantes, mas que de facto são pequenas vitórias, a juntar às grandes lutas e vitórias, na construção da vitória final.

AINDA O ROUBO DOS 25 POR CENTO AOS TÊXTEIS

A pesar da penúria de regalias dadas pela Previdência, a classe têxtil a partir de Setembro de 1946, viu agravar-se ainda mais o deficiente serviço da Previdência com a criação da Portaria 17.964 que estabeleceu o pagamento de 25% sobre o custo dos medicamentos.

Os governantes fascistas, que não quem superiormente dirige os fundos da Previdência, vieram uma vez mais mostrar com esta medida o desprezo que nutrem pela classe operária. Eles sabem muito bem qual o nível de vida da nossa classe, que ganhamos salários baixísimos, que a nossa alimentação é deficiente, que muitos de nós necessitamos de nos servir da chamada «previdência», (para a qual descontamos e de que devíamos ser os verdadeiros donos) e que criando cada vez mais dificuldades, nos podem levar a abandonar os seus serviços ou, pelo menos, a retrairmo-nos cada vez mais para, ao fim e ao cabo ser só descontar e nada mais.

Mas o Sr. Ministro sabe que os têxteis não estão de acordo tanto com os 25%, como com toda a organização da Previdência que é deficientíssima. Sabe-o através dos nossos protestos nos Sindicatos e das exposições a ele enviadas entre as quais se conta uma dos têxteis do Porto com 100 assinaturas. O Sr. Ministro das Corporações aprova nos seus discursos mundos e fundos mas a realidade está bem à vista.

Os têxteis exigem não só que acabem os 25%, como exigem uma série de outras regalias mais, baseando-se na boa situação financeira das Caixas de Previdência que de ano para ano aumentam os seus fundos e valores. Em 1950 existiam 2.329.698 contos e 9 anos depois já eram 8.109.256 Deu-se-se daqui que os fundos aumentam não para servir a classe operária mas para financiar as grandes companhias capitalistas e toda a acção anti-popular do próprio governo, que põe e dispõe desse dinheiro como se ele lhe pertencesse e não à classe operária.

Só há uma maneira de fazer roer os que fazem da Previdência uma Caixa de auxílio aos capitalistas: É A LUTA! Unidade e firmeza contra o pagamento dos 25%!

LUTA SINDICAL NA COVILHÃ

Um grupo de operários tecelões da fábrica «Lanofabril» marcou, de acordo com a Direcção do Sindicato, uma reunião no mesmo para o dia 28—8 a fim de discutirem assuntos relativos à classe de lanificios tais como

- novo Contrato Colectivo de Trabalho que faça face ao agravamento do custo de vida;
- utilização de 2 teares;
- melhores condições de trabalho.

Todavia, e depois de se ter comprometido, do Presidente da Direcção sabendo que os operários da «Lanofabril» tinham convidado os tecelões das outras fábricas a comparecerem à reunião, e recendo uma grande concentração na mesma, resolveu anulá-la, sob o pretexto de que o Delegado do I. N. T. se encontrava em férias, e só ele podia resolver esses problemas. E assim, os operários que lá se deslocaram em número de várias

dezenas tiveram que retroceder, apesar dos seus protestos.

Ficou assente, no entanto, que assim que o Delegado chegasse de férias, a reunião se realizaria.

COMPANHEIROS DA COVILHÃ! Não vos contenteis com as palavras do Presidente do Sindicato. O Delegado do I. N. T. não tem nada a ver com o Sindicato que é a vossa casa. Fazei nova concentração mas com os operários de todas as fábricas e não só de algumas!

OS TÊXTEIS E O MERCADO COMUM

Em nota oficiosa de 5 de Junho do ano corrente, o Governo de Salazar informou o País de que Portugal pedira a «abertura de negociações para o efeito de se encontrar a fórmula de relações entre Portugal e a Comunidade Económica Europeia (vulgarmente chamada Mercado Comum) que melhor realize os interesses comuns».

Com esta medida Salazar deu mais um importante passo para a completa dependência de Portugal ao imperialismo estrangeiro, particularmente à Alemanha Federal, à França, à Inglaterra e aos Estados Unidos da América.

Ao agir dessa forma Salazar uma vez mais não teve em conta os superiores interesses da Nação, mas apenas os interesses dos seus patrões monopolistas estrangeiros e portugueses, (os quais de portugueses só têm o nome, pois não se

importam de vender o País a quem mais der).

MAS O QUE VEM SER O MERCADO COMUM e quais serão os seus efeitos na economia portuguesa, se Portugal a ele aderir?

O Mercado Comum é antes de mais nada uma organização política destinada a criar uma federação da Europa Ocidental, dirigida pelos governos reaccionários, que apliquem uma política comum exterior e de defesa baseada na NATO, e que mantendo a divisão da Europa perpetuando, por consequente, a guerra fria.

Por outro lado, o Mercado Comum tem por finalidade impedir o desenvolvimento económico dos países europeus pouco desenvolvidos, tais como, Portugal, Espanha, Grécia, etc. submetendo-os completamente aos grandes países capitalistas.

Com a sua criação, os países alta-

mente industrializados, como a Alemanha Federal, a França, a Inglaterra, dominarão não só economicamente os países pouco industrializados, mas também politicamente.

Assim, os países menos evoluídos ficarão impedidos de se desenvolverem, pois doravante a sua tarefa será fornecer matérias primas e certos produtos agrícolas aos países mais desenvolvidos e a baixos preços, e comprar-lhes máquinas e outros produtos aos preços que eles lhes quiserem vender. Com o desaparecimento progressivo das pautas aduaneiras, as indústrias incipientes dos países atrasados, como Portugal, não poderão competir, mesmo no mercado interno, com as indústrias dos países altamente desenvolvidos, nos quais já se atingiu um elevado grau de mecanização e automatização.

(Continua no próximo número)

OS TÊXTEIS E A GUERRA DE ANGOLA

A guerra de Angola prolonga-se há já mais de um ano. Quando a revolução do povo angolano começou, o governo salazarista afirmou que a dominava em meia-dúzia de dias. É caso para perguntarmos: — Se a revolução angolana já foi dominada, como os salazaristas pretendem fazer crer, quem mata os soldados e oficiais portugueses nas chamadas «operações de limpeza», como os jornais diários noticiam? Nós, operários têxteis, assim como todo o povo português, sabemos que a revolução angolana não foi dominada e que jamais o será. Como quase todos os povos que o imperialismo calça aos pés, impondo-lhes as cadeias de uma cruel escravidão colonialista, mas que, no entanto, já conquistaram a sua independência, Angola alcançá-la-á também. Diz-nos a marcha da história, diz-nos o próprio povo angolano, que está hoje mais firme e mais preparado para o triunfo do que nunca; dizem-nos as próprias notícias vindas nos jornais diários e fornecidas pelos comandos salazaristas, que nos revelam esse progresso e aperfeiçoamento, em armamentos e processos de luta, do exército de libertação do povo angolano. Só os que não querem olhar para os factos e encavar as realidades podem deixar-se enganar pela propaganda salazarista, porque a verdade é que a nossa época é a da emancipação mundial dos povos coloniais; que durante centenas de anos sofreram a exploração brutal e desumana da ocupação colonialista. Ao lado dos povos coloniais, na sua luta grandiosa pela libertação, estão todos os povos do mundo. Os interesses dum povo, os seus problemas de desemprego, de saúde, de alojamento, de alimentação; enfim, de nível de vida e de bem-estar, não se resolvem pela exploração e opressão de outro povo. Em vez de felicidade, de paz e de bem-estar, a opressão e o roubo trazem sempre consigo, mais tarde ou mais cedo, a revolta, a luta, a guerra, a fome, a epidemia, a dengue, a propagação falsa e a mentira,

apresentavam como felicidade tornase na dor, na miséria e no sacrifício dos povos.

OS POVOS DOS PAÍSES OPRIMIDOS TÊM INTERESSES COMUNS

Os interesses do povo português estão, sim, na sua libertação da camarilha que o oprime, explora e rouba, e não na opressão e domínio dos povos coloniais. Os que têm interesses na opressão e domínio do povo angolano são os que exploram a terra e o trabalho das populações de Angola. São os mesmos ou outros tais que oprimem o povo português. São os mesmos ou outros tais que, quando nós reivindicamos aumentos de salários ou, mesmo sem violar as leis do próprio regime salazarista, lutamos pelas liberdades mais elementares, mandam atirar sobre nós rajadas de metralhadora, gases lacrimogénicos, jactos de água podre, etc., e que, quando os seus choctados lueros e fabulosas riquezas estão em perigo, querem que nós as defendamos, dando a nossa própria vida.

Os salazaristas gritam por todos os lados que Portugal não pode subsistir sem Angola e outras colónias, que não impedir-se a independência de Angola se está a seguir o interesse do povo português. Mas quem fica sem os filhos, sem os irmãos, sem os noivos; sem, muitas das vezes, o seu ganha-pão, que partem para donde muitos jamais voltarão? Quem vê o seu nível de vida agravar-se com impostos; não bastando já os anteriores e sem contar ainda com os que vai haver, como noticiam, os jornais de 25-8-'62, e outras restrições? Quem ama — Quem senão o povo português, que é obrigado não só a fornecer os homens, como também o dinheiro para essa guerra injusta, cruel e historicamente perdida? — Quem diz que a guerra de Angola já terminou, para não pagar as indemnizações às viúvas? — Quem aburrota as algibeiras com o suor e o sangue

que «corre» de lado a lado? — Os colonialistas!; os magnates protegidos pelo governo salazarista, que tanto sugam lá como cá, dos quais muitos nem sequer portugueses são, pois é bem sabido que uma boa parte das empresas que exploram as riquezas angolanas pertencem a capitalistas, belgas, franceses, ingleses, alemães, americanos, etc. Pode-se dizer que quem paga as despesas, em homens e dinheiro, é o povo e que quem recebe os lucros é a camarilha colonialista dos magnates portugueses e estrangeiros.

O inimigo do povo angolano é, pois, o inimigo do povo português. O povo angolano e o povo português, porque se debatem contra o mesmo inimigo, são dois aliados naturais. A luta do povo angolano pela sua libertação é uma ajuda ao povo português, na sua luta contra o salazarismo e o regime de opressão e roubo que ele representa. Por sua vez, a luta do povo português contra o regime, enfraquecendo-o e preparando o seu derrubamento, é uma ajuda ao povo angolano, na luta que trava pela sua independência e libertação.

A cegueira de cada povo está na sua própria terra, quando os governos representam e procuram os interesses do seu povo, e não quando apenas defendem os interesses da camarilha de magnates que alargam a sua riqueza à custa do sacrifício sem compensação do operariado e de todas as camadas trabalhadoras. Per isto é que a guerra de Angola não é uma guerra do povo português, mas, sim, uma guerra à custa do povo português contra o povo angolano, em proveito dos colonialistas. A guerra do povo português é outra; é a guerra contra o salazarismo, a guerra contra a ditadura, contra a exploração e o roubo; contra a produtividade à custa de ritmos de trabalho desenfreados, contra a falta de assistência, a guerra por aumento de salários e por melhores condições de trabalho, a guerra pelo emprego permanente e pela redução do tempo de

(continua na 2ª pag.)

ABAIXO A GUERRA COLONIAL!